



Jubileu 800 anos 1216-2016
Ordem dos Pregadores

“No princípio era o Verbo: São Domingos, pregador da graça”

Ir. Ângela Cabrera, OP

A família dominicana está de festa. No ano 2016 a Ordem festeja seu 800º aniversário. Diversas atividades estão sendo desenvolvidas com o fim de voltar às fontes e, como diz Gustavo Gutiérrez, beber no próprio poço. Nesta dinâmica itinerante, própria de uma fé que busca entender, temos a proposta de estudar cada ano uma temática comum. Neste ano de 2009 partilhamos o assunto que acompanha o título desta reflexão.

Muitos materiais excelentes, que recolhem a memória histórica de Domingos e da Ordem, estão chegando a nossas comunidades. No Brasil, especialmente, falo dos *Subsídios de Formação Dominicana*. Entre leitura e leitura senti a necessidade de explorar alguns símbolos bíblicos que acompanham a figura de nosso Fundador. Nisto consiste o trabalho que compartilho com vocês.

Este escrito não busca dizer coisas novas, somente pretende voltar às fontes, mediante os dados já recopilados pelos pesquisadores e, a partir do universo bíblico, procurar compreender as imagens que possuem alguns de nossos referenciais teóricos. Desejo que estes dois elementos, história de Domingos e Sagrada Escritura, me permitam abordar uma releitura a partir da temática sugerida para este ano. Iniciamos, pois, a caminhada. Começemos por observar estas duas frases:

“No principio era o Verbo - São Domingos, pregador da graça”.

Elas possuem uma bela coesão de sentido. Seu fio condutor sublinha a particularidade que as distingue, que tem a ver com aspectos teológico-antropológicos. Este ponto de partida vincula o mistério do Verbo com Domingos e de Domingos com o Verbo, evidenciando-se, em ambos os casos, o silêncio.

A primeira frase corresponde a Jo 1,1: “No principio era o Verbo”. A citação pertence ao Prólogo do Evangelho que se apresenta como um hino a Jesus Cristo, cuja existência é testemunhada junto de Deus, antes da fundação do mundo (Is 40,21), antes de serem chamadas à vida as gerações (Is 41,4), antes de existirem os primeiros elementos do mundo (Pr 8,22). O Prólogo introduz a cristologia joanina, cujo ponto central é a encarnação do *Logos*, do “Verbo”.

Toda a proposta e mensagem cristã estão aqui condensadas.

Jo 1,1 retoma o sentido do relato da criação em Gn 1, em cujo episódio Deus se manifesta como um agente criador, mediante sua fala. No meio do Nada e do Silêncio, a Palavra de Deus se gesta e os fatos acontecem: *Louvem o nome de Deus, pois ele mandou e foram criados* (Sl 148,5). Esta Palavra tem poder de efetivar a realidade que designa. Neste sentido, *Dabar*, “Palavra”¹ de Deus e seu conteúdo são a mesma coisa. João vincula o Verbo envolvido no projeto criacional onde a *ruha* “espírito” participa: “Então Deus modelou o ser humano com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o ser humano se tornou um ser vivente” (Gn 2,7).

Neste começo, também estava a Sabedoria: *Desde a eternidade foi estabelecida, desde o principio, antes da origem da terra. Quando os abismos não existiam, eu foi gerada, quando não existiam os mananciais das águas...* (Pr 8,22-24). A Sabedoria é a vida de tudo o que existe, seu principio é o desejo autêntico de instrução e o afã da instrução é o amor (Sb 6,17). Para a comunidade joanina há identidade entre Jesus e a Sabedoria preexistente. Ele é tido como Palavra geradora de vida pela qual os grandes mistérios são revelados.

Com João nos abrimos ao cenário dos Evangelhos Sinópticos. Neles, Jesus é apresentado na sua dimensão histórica como um homem coerente, ou seja, um homem que possuía harmonia entre seus pensamentos, atos e palavras. Sua palavra, simplesmente, está familiarizada com a Boa Nova que anuncia. A tradição cristã afirma que Jesus ensinava com autoridade (Mt 7,27). Vê sua palavra como uma proposta cativadora (Mc 2,14), provocadora e, ao mesmo tempo, escandalosa (Mt 22,15). Sua palavra é identificada com o perdão (Mc 2,5), com o alívio e a cura (Mc 2,11; Lc 7,14-15), e, sobre tudo, é acolhida como fruto da contemplação: “... *subiu ao monte, a fim de orar a sós. Ao chegar a tarde, estava ali, sozinho*” (Mt 14,23).

Este Verbo/Palavra anunciado no Gênesis e retomado por João, a partir da vida de Jesus, é dinâmico. Seu dinamismo é gerador de vida, e reconcilia a humanidade com Deus. Esta história continua com os Apóstolos.

Começo dos apóstolos

A Palavra/Cristo gera a palavra dos Apóstolos. O fato tem sua origem no dia de Pentecostes, onde o Espírito abre a inteligência à comunidade apostólica, composta por homens e mulheres, tornando-os capazes de entender as Sagradas Escrituras, e doando-lhes a força do Espírito para serem suas testemunhas (At 1,8). Posteriormente, não sabemos se serão Atos dos Apóstolos ou ‘atos do Espírito’. Nesta confusão de identidade se cria o embrião do movimento de Jesus depois da sua ressurreição.

Entra em jogo o significado teológico do *logos*, “palavra”, no Primeiro Testamento, que tem a ver com ensinamento, discurso, declaração, afirmação, acontecimento.² Aqui se inicia a diferença entre conteúdo e pregação. Se nos

Evangelhos Jesus é a Palavra, os Apóstolos são servidores desta Palavra. Ela será considerada como algo distinto, objeto de pregação: *quem é instruído na palavra, torne participante em toda sorte de bens aquele que o instrui* (Gl 6,6). Daí que, misteriosamente, a fé vai vir da pregação e a pregação será pela palavra de Cristo (Rm 10,16). Em Paulo, a Palavra vai-se manifestar através da proclamação (Tt 1,3), uma proclamação que, no exemplo de Jesus, tem sua fonte na meditação (Ef 6,18).

Esta palavra, nos Apóstolos, circula com rimo itinerante. Longe de estancar-se, caminha de boca em boca, congregando novos agentes, mulheres e homens, provenientes das mais diversas realidades, que são contagiados para servir: Febe, diaconisa; Prisca e Áquila, Epêneto e Maria, Urbano e Estáquis, colaboradores em Cristo; Andrônico e Júnia, prisioneiros pela missão e apóstolos de reconhecida fé; Amplíato, amigo do Apóstolo; Apeles, provado em Cristo; Aristóbulo, Herodião, Narciso, hospedeiros dos missionários; Trifena, Trifosa e Pérside, que se afadigaram no Senhor; Rufo e sua mãe, eleitos do Senhor; Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobras, Hermas, Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, Olímpia... Todas elas e eles, unidos num projeto comum, formam a “comunidade dos santos” (Rm 16, 1-16).

Paulo ensina que Deus reconciliou, em Cristo, o mundo consigo mesmo, não imputando aos seres humanos suas faltas, e confiando-lhes esta palavra de reconciliação aos apóstolos (2 Cor 5,19). Por isso questiona aos Coríntios, querendo saber se esta palavra confiada e escutada ficou estática neles ou se foi ponto de partida (1 Cor 14,36). Este mistério cristológico é o conteúdo da pregação paulina, e pela sua essência tem o poder de salvar.

A muita distância temporal, a história da salvação cria um novo filho, que será reconhecido como homem de Deus. Ele cativará uma multidão de homens e mulheres, e os instruirá segundo o perfil da comunidade apostólica. Eis aqui o início de quem atualiza, na sua vida e na sua palavra, a missão do Verbo (Jo 1,1).

Começo de Domingos.

Domingos também teve um começo. Não pretendo fazer uma cronologia da sua vida. Simplesmente, procuro retomar alguns dos episódios onde este homem se manifesta como aquele que assume a missão do Verbo, que é a mesma missão encomendada aos Apóstolos. Nesta ‘gênese’ de Domingos encontra-se a figura de duas mulheres, sua mãe e sua madrinha:

Sua mãe, a Beata Joana de Aza, [na década dos anos 1170], antes de concebê-lo [a Domingos], teve um sonho. Viu como em seu ventre havia um cachorrinho levando entre os dentes uma tocha acesa. Ao nascer, parecia acender fogo em todo o mundo.³

A figura feminina em Domingos joga um papel importante, porque a mãe intuiu o futuro desta criança antes de nascer, convertendo-se em colaboradora do projeto de Deus para seu filho. Assim como Maria de Nazaré se põe em caminho, apressadamente, à casa de Isabel para dizer o que Deus, nela, tinha feito (Lc 1,39-45), Joana também se dispõe a andar, ante o sinal divino, querendo agora entender o mistério que procria seu ventre, manifestado através de um sonho. Procurando a São Domingos de Silos, fundador de um mosteiro Beneditino, ela é a primeira em ser informada dos assuntos da pregação.⁴ O que Maria foi para Jesus, Joana foi para Domingos. A Beata Joana de Aza partilha o espaço teológico com as mulheres bíblicas que teceram história de salvação.

A imagem do cachorro é importante. Conservará na sua memória a tradição dominicana que o nome de “Domingos” tem na sua raiz etimológica latina: *Dominicus*, “o Senhor”. De *Dominicus* procede o termo *Dominicanus*, como se nomeia aos membros da Ordem. Utilizando um jogo de palavras se diz que *Dominicanus* é composto de: *Dominus*, “Senhor”, e *Canis*, “cachorro”. Literalmente seria: “o cachorro do Senhor”, relacionado com o sentido: “o que vigia a vinha do Senhor”.

Nos Evangelhos encontro duas passagens interessantes. O primeiro episódio está em Mateus, onde uma mulher questiona Jesus por negar a cura da sua filha ao lhe dizer: *Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos*. (15,26). E ela insistiu até sensibilizá-lo: *Senhor, também os cachorrinhos comem das migalhas que caem das mesas de seus donos* (15,27). Diante disto, Jesus respondeu: *Mulher, grande é tua fé! Seja feito como queres* (15,28). A outra referência se encontra no Evangelho de Lucas. Refere-se ao pobre Lázaro, apresentado com doença de pele, a quem os cães vinham lambe-lhe as úlceras (16,19).

Mas, aonde quero chegar com isto? Seria Domingos comparado com um cachorro? Pois sim, este animal mostra características que distinguirão a vida de Domingos: humildade, amizade com os pobres e fidelidade. O cachorro é quem cuida a mesa do dono, é quem espera e obedece. Não invade o espaço, mas vigia com cautela. É ciumento das coisas que tem a seu cuidado.

O cachorro é, ao mesmo tempo, amigo do pobre. Por trás de um mendigo de rua não falta um cachorro sem preconceito, companheiro de caminho. Não duvido que Lázaro sentiu alívio com a saliva dos cães! A língua deles era o único instrumento de solidariedade com a dor do amigo.

A imagem do cachorro, no seu fundo, mostra que o orgulho nunca formou parte do projeto de Domingos. Ele foi um instrumento de pregação e não o centro dela. Sendo assim, diria que a explicação fornecida pela tradição dominicana e o sonho da mãe Joana estão belamente harmonizados. Domingos seria o cachorro humilde, pobre e fiel do Senhor. Dele dirá uma testemunha ocular:

Mestre Domingos foi sempre homem humilde, manso, paciente, benigno, moderado, pacífico, sóbrio, modesto e muito maduro em todos os seus atos e palavras; piedoso, consolador dos demais e em especial com seus frades; cheio de zelo pela observância regular, muito amante da pobreza tanto na comida como na sua vestimenta.⁵

O cachorro, segundo o sonho da mãe Joana, ia saindo, levando entre os dentes uma tocha acesa na sua boca. Esta corrida lembra as palavras do Apóstolo Paulo: *Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo. Os atletas se abstêm de tudo: eles, para ganharem uma coroa perecível; nós, porém, para ganharmos uma coroa impercível* (1 Cor 9,24-25).

Se Domingos empregará todo seu tempo para falar de Deus e com Deus. Asáida do cachorro, pois, vislumbra a trajetória apostólica deste homem. O sonho introduzia seu começo: um pregador estava vindo ao mundo para contagiá-lo com o fogo da Palavra. As palavras são sempre poucas para expressar o forte simbolismo que este fogo, procedente de Deus, carrega.

No ambiente bíblico, o fogo é sinônimo de julgamento (Mt 7,19; 13,40). Também está relacionado com a teofania ou manifestação de Deus (Gn 3,24). Deus se apresenta a Moisés mediante uma sarça ardente, deixando-o atônito de temor e admiração. Foi-lhe pedido a Moisés neste lugar, que retirasse as sandálias dos seus pés porque estava em solo sagrado (Ex 3, 1-5). Uma coluna de fogo era o sinal de Deus guiando seu povo pobre para a saída da escravidão para a liberdade (Ex 13,21). O fogo é semelhante ao carimbo com o qual Deus cela a aliança com a humanidade (Gn 15,17).

No início da vocação de Ezequiel também há referência ao fogo. O profeta tenta falar de seu inexplicável chamamento, e recorre ao fogo para se auxiliar e dizer que esse brilho ardente que presenciou era semelhante à glória de Deus e que, ao vê-la, caiu com seu rosto em terra (Ez 1,27-28). Segundo Isaias, ninguém se pode aproximar de tal fogueira pela santidade que emana (Is 33,14).

Além disso, o fogo é fonte de purificação (Nm 31, 21-24): por onde passa, as coisas não ficam iguais, mudam. O fogo deixa marca e, fazendo-se sentir, transforma tudo o que toca. Deus é descrito como um fogo que consome, que devora, que se impõe (Dt 4,24; 9,3). É oportuno nos iluminar com o sentir do profeta Jeremias: *Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste... Quando eu pensava: não me lembrarei deles, então isto era em meu coração como fogo devorador, encerrado em meus ossos* (Jr 20,7-9).

Todas estas evidências bíblicas tornam-se necessárias para compreender melhor o sonho da mãe Joana. Ela, vislumbrando o filho como um cachorro em cujos dentes carregava uma tocha acesa, atina bem no símbolo dominicano. Domingos se converterá, pela força da Palavra, na chama que contagie o mundo da presença e do amor de Deus. E tudo foi confirmado pela realidade:

“Quando andava pelos caminhos, aos que o acompanhavam queria expor-lhes, por si mesmo ou por outros, a Palavra de Deus... Enquanto caminhava, sempre queria dissertar ou falar de Deus, ou ensinar ou ler ou rezar”.⁶

“Pregava frequentemente e, por quanto podia, animava e ensinava os frades a pregar, rogando-lhes e admoestando-os a que fossem diligentes na salvação das almas. E confiando muito em Deus, enviava também os simples a pregar, dizendo-lhes: Ide tranquilamente, porque o Senhor porá palavras em vossos lábios e estará convosco e não lhes faltará nada. Eles partiam e acontecia sempre como Domingo lhes havia dito”.⁷

A outra mulher próxima a Domingos é a sua madrinha. Num sonho teve a impressão que o menino Domingos tinha em sua testa uma estrela cuja luz iluminava o mundo.⁸ A primeira coisa que ela fez foi sair correndo, cheia de alegria, para partilhar a notícia com a mãe Joana. Assim se manifesta claramente a solidariedade destas duas mulheres, cúmplices de Deus.

Mãe e madrinha festejam, são conscientes do que esta criança vai significar para o mundo. Por acaso, não lembra este episódio o abraço de Maria e de sua prima Isabel? (Lc 1,41). Não lembra isto o abraço santo daquela que é capaz de se alegrar com a outra, reconhecendo a glória de Deus acontecendo no filho da amiga?

O símbolo da estrela não é menos lindo que os anteriores. As estrelas, em várias cenas bíblicas, se mostram aliadas de Deus na defesa dos fracos (Jz 5,20). Juntas, são multidão (Dt 1,10). Procedem de Deus (Is 14,13; Sl 8,3) e são associadas à eternidade (Dn 12,3). Revelam indícios de prosperidade e descendência (Gn 22,17; 26,4). No Evangelho de Mateus, uma estrela guia os pastores ao encontro do Menino Jesus. É sinônimo de alegria, justamente porque sua luz leva à presença solidária de Deus (2,10), afirmando que Ele nunca se esquece da humanidade (Lc 21,25).

Embora se possa falar das estrelas no seu conjunto, Paulo recorda que entre as estrelas há desigualdade de brilho (1 Co 15,41). Neste sentido, se poderia dizer que elas, às vezes, são usadas para se referir aos filhos e filhas de Deus, chamados “astros de luz” (Jo 38,7; Sl 148,3). Em Nm 24,17, existe uma perspectiva messiânica, onde o esperado se vislumbra como uma estrela procedente de Jacó. No Apocalipse, as pessoas que lutam para atrair a humanidade para Deus, possuem a promessa de resplandecer como estrelas (22,16).

O que a madrinha de Domingos percebeu nele, não é pouca coisa. Ele foi identificado como portador de luz. Luz para iluminar as trevas na qual viviam as pessoas de seu tempo. Seu resplendor seduziria a humanidade para Deus. A luz de Domingos seria seu sinal reconciliador. Seu estilo de seguimento a

Jesus contagiará aos que são chamados de dominicanos/as, e acolhem a tarefa de esquentar o mundo frio com o ardente fogo da Palavra.

Uma coisa chama a atenção. A vida de Domingos tem coerência com as exigências que Cristo fez aos apóstolos. Nesta pesquisa, confirmo o dito pela testemunha João, ao dizer: *“Domingos sempre levava com ele o Evangelho de Mateus e as cartas de Paulo”*.⁹ E, justamente, noto que o perfil de nosso Fundador se encontra aqui bem refletido. Quando tento ir à procura de textos que identifiquem a sua personalidade, deparo, com frequência, com estas passagens bíblicas. É possível que os interiorizasse de tal maneira que fez de sua vida um Evangelho itinerante, onde as pessoas lembraram, no seu caminhar, a própria Palavra de Jesus.

Outra coisa que percebo neste contato bíblico/histórico é que a Palavra meditada e pregada é o eixo transversal que acompanha este homem de Deus. Toda a simbologia dominicana e seu significado giram entorno desta função. Eis aqui o título que se conjuga bem com a frase primeira:

Domingos, pregador da graça.

Às vezes acontecem alguns episódios na vida das pessoas, que as levam à sua fonte originária. A partir do presente recuperam a sua memória e, no ato, abrem os olhos e começam a compreender claramente o que Deus lhes pede. Não seria isto o que aconteceu, ao cair da tarde, com os dois discípulos que iam no caminho de Emaús? (Lc 24,13-35), e com Saulo no caminho a Damasco? (At 9,1-18). Não seria o mesmo que viveu Domingos naquelas impressionantes viagens ao Norte da Europa, quando acompanhava o bispo de Osma, Diego?

Nas missões à Dinamarca, Domingos viveu intensas experiências, ora com os Cumanos, no Norte, considerados uma tribo pagã, ora, no sul, com os hereges Albigenses (ou Cátaros) e Valdenses, que pareciam encarnar as exigências evangélicas com a coerência que faltava aos católicos. Foram experiências intensas também pela situação de extrema pobreza achada nestes caminhos. Domingos sentiu compaixão e foi interpelado pelos hereges: *“Como é que alguém que viaja com tanta pompa poderia atrever-se a pregar o Cristo que era humilde e pobre”*?¹⁰

Não arderia o coração de Domingos ao escutar estas palavras dos hereges? Não se lhe abririam os olhos, como aos discípulos de Emaús, para reconhecer o que Deus, ainda mais lhe exigia? Não sofrera Domingos, como Saulo, uma metamorfose que o convertesse da tradição à graça? Domingos sensibilizou-se e, assim como Jesus se comoveu ante o questionamento da mulher estrangeira que encontrou no trajeto (Mt 15,27), ele acolhe, com humildade, a crítica que lhe fizeram os hereges. Isto aconteceu porque ele viveu o seu presente na sua consciência plena, com olhos abertos para observar, e com ouvidos atentos para escutar.

É nesta teologia evolutiva do caminho onde surge, em Domingos, a

intuição profética: somente a volta radical ao Evangelho pode limitar o avanço das heresias. Procura, em adiante, continuar sua missão marcada por dois rasgos fundamentais: 1) Evangelho: *“Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos..”* (Mt 28,19). 2) E o que este Evangelho exige na prática apostólica, pobreza: *“Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dais. Não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado, pois o operário é digno do seu sustento”* (Mt 10,7-10). Seguindo a Cristo pobre, e pela pregação nascida desde o Evangelho, ao estilo apostólico, se poderá atribuir a Domingos o título de ‘pregador da graça’.

Mas, o que é graça? No hebraico, *hen*, e no grego *charis*, a graça possui diversas maneiras de agir nas pessoas segundo a linguagem bíblica. Está intimamente relacionada com o favor de Deus, que é teimoso no seu empenho de salvar a humanidade. A carta aos Romanos possui um belo exemplo deste mistério para nos iluminar: *“Se Deus está conosco, quem estará contra nós? Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?”* (8, 31-32).

Segundo Paulo, a graça é o favor que Deus nos faz para vivermos nele na condição de filhos e filhas. Aqui nos encontramos, por tanto, com o sentido da primeira frase estudada: *No começo era o Verbo* (Jo 1,1). Quero dizer que Deus preservou desde a eternidade seu único Filho e ofereceu-o, generosamente, à humanidade pelo favor de nos fazer participar, por meio de seu Filho (Palavra reveladora) da sua santidade.

A graça em Domingos se torna eficaz por viver em Deus submergido, harmonizando contemplação e apostolado, a tal ponto de não saber onde começa um e onde acaba o outro. Nesta fonte se compreende o lema que, tradicionalmente, acompanha a Ordem: *“Contemplari et contemplata aliis tradere”* (Contemplar e dar aos outros o fruto de nossa contemplação). Como analisará Santo Tomás de Aquino: *“...da mesma maneira que é melhor iluminar do que somente brilhar, assim é coisa maior dar aos demais as coisas contempladas, que somente contemplá-las”*.¹¹

Na sua vida de contemplação, gesta - se em Domingos a profunda humildade e o sentido de pertença ao mesmo Deus. Ele sairá pelos caminhos, mas não sairá de Deus, e nesta permanência continua, sua própria oração vira palavra, como dom recebido:

Estando Domingos em Roma, concretamente orando na basílica de São Pedro, pedindo a Deus que conservasse e aumentasse a Ordem, viu como se aproximavam dele os apóstolos Pedro e Paulo. Pedro lhe entregava um báculo, e Paulo um livro. *“Diziam-lhe: Vá, prega, porque Deus te escolheu para este ministério”*.¹²

Domingos não poderia ser pregador sem antes ser agraciado por Deus: “Anunciar o Evangelho não é um título de glória para mim; é, antes, necessidade que se impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1 Cor 9,16). A Domingos, como diria Paulo, o menor de todos os santos, lhe foi conferida a graça e a tarefa de pregar (Ef 3,8). Esta virtude sobrenatural cativava a todos quantos lhe escutavam:

Um sacerdote, vendo o bem-aventurado Domingos entregar-se com entusiasmo, junto com seus irmãos, à pregação, desprezando as coisas terrestres e somente se preocupando com as espirituais, anelando com piedosa emulação imitar a vida deles, decidiu deixar tudo e seguir suas pegadas.¹³

O tema da pregação é o eixo transversal que atravessa o projeto de Domingos desde suas origens. O primeiro capítulo geral aconteceu num domingo de Pentecostes, a 17 de maio de 1220. Neste acontecimento, acrescentou-se um código às constituições. Este acréscimo veio a nascer pela necessidade experimentada. Domingos, antes de elaborar normas, quis primeiro ter experiência de vida, para que todas as coisas escritas estivessem ao serviço da pregação. Leiamos em que consistiu a fina percepção destes primeiros frades:

O prelado terá o poder de dispensar os irmãos no seu convento quando isso lhe parecer conveniente, especialmente naquelas coisas que possam impedir o estudo, a pregação, ou o bem das almas, visto que a nossa Ordem foi especialmente fundada desde o início para a pregação e salvação das almas. O nosso estudo deve tender principalmente, ardentemente e com o máximo empenho para o fim de sermos úteis às almas de nosso próximo.¹⁴

A pregação é o meio pelo qual opera a graça em Domingos. Esta graça, na sua natureza, fez aquilo que o mesmo Domingos, por si, seria incapaz de fazer: *a graça escorre dos teus lábios* (Sl 45,3). Neste sentido, não se pode separar sua palavra de seu silêncio, longe de ser pólos oposto, são complementares. Domingos, no seu silêncio fecundo, prega escutando o Espírito. A graça, nele manifestada, vai além de palavras eloqüentes, sem ser estéril (1 Cor 15,10), se traduz em obras. Eis aqui que quando se fala de *Domingos pregador da graça* nos encontramos com os sinais de vida que tal pregação gera, marcados por três itens fundamentais:

1. Misericórdia:

Houve em toda Espanha uma escassez tão grande que

muitos passavam fome. Domingos, servo de Deus, estava por aquele tempo ainda em Palência. Ao contemplar tanta miséria e necessidade, e não encontrando consolo em nenhum lugar, avivou-se nele a compaixão. Sendo já um menino, a compaixão crescia com ele, e carregando sobre suas costas as desgraça dos demais, fazia sua toda a dor alheia. Seu coração era um hospital de infortúnios; suas entranhas não estavam fechadas à misericórdia. Assim, sacudido pela necessidade reinante, decidiu fazer algo que, cumprindo com o Evangelho, ajudasse a atenuar a situação dos mais atingidos. Vendeu seus livros, de que tanto necessitava, e todos seus pertences. O que obteve com a venda o deu aos pobres. Seu exemplo cativou os nobres, ricos e mestres. A partir de então se prodigalizaram as esmolas daqueles que, vendo a generosidade de um jovem, romperam com a mediocridade de sua tacanhice.¹⁵

A palavra de Domingos está em harmonia com sua vida e em sintonia com o coração de Deus, por isso é graça. A misericórdia dominicana tem seu fundamento nas Sagradas Escrituras. A *heser* “misericórdia”, entre seus diversos significados, designa o seio materno como lugar de procedência de toda vida.¹⁶ Sendo assim, quando os cegos gritam a Jesus: *Senhor, tem misericórdia de nós!* (Mt 20,31) buscam remover suas entranhas e comover sua clemência.

A misericórdia dominicana nasce na teologia do caminho, mediante a contemplação, estado espiritual que permitiu a Domingos olhar com os olhos de Deus e escutar com seus ouvidos. Nesta dinâmica onde está ausente a pressa, o estresse e o barulho, ele se tornou capaz de estar presente, junto o que sofre, com todos os sentidos.

Mas, a misericórdia se entende em relação com a solidariedade. Nesta interpelação se produz a empatia com o que sofre até tal ponto de procurar eliminar-lhe a dor, e se não for possível, pelo menos, compartilhá-la. A misericórdia também está vinculada com *naham* que significa “consolar”, “libertar”.¹⁷ Domingos consola porque sua pregação vai além das palavras bem intencionadas. Ele se dispõe à auxiliar ao outro/a, como fica refletido no profeta Isaias: *Como a uma criança a quem sua mãe consola, assim os consolarei eu* (49,15).

Era tal o ardor da sua caridade para com a conversão das almas que um dia em que exortava alguém seduzido pela nefasta heresia, constatando que ele tinha aceito o convite

dos hereges por causa da ajuda material que deles recebia, devido à grande necessidade em que se encontrava, Domingos, imitando Paulo quando escrevia aos Coríntios 12,15: *com prazer me gastarei e consumirei pelas vossas alas*, decidiu vender-se a si próprio e com o preço eliminar a causa da necessidade, libertando o irmão do erro. E o teria feito se a divina providência, rica em tudo, não tivesse remediado de outro modo à indigência daquela pessoa.¹⁸

2. Verdade:

A verdade é outro elemento que distingue a pregação cheia de graça de Domingos. Na sua coerência evangélica, Domingos prega com autoridade. Sua palavra humana se converte, desta maneira, em palavra de Deus. Fixado em Deus, o barulho não tinha como invadir seu silêncio, espaço autêntico que gesta sua pregação. A força da sua palavra emana do seu espírito contemplativo, que lhe fez partícipe da verdade.

Lembro-me do que na tradição do Primeiro Testamento, o profeta sofria confusão de identidade no momento da sua atuação. Não sabia quem falava, se ele ou Deus. Um profeta era reconhecido pela comunidade após o acontecimento do seu anúncio (Jr 28,1-17). Assim, Domingos, foi reconhecido, porque suas palavras geravam o pregado:

... Na mesma paróquia havia uma mulher, chamada Bene, hoje sóror Benta, convertida por São Domingos [...], a quem aquele clérigo [que odiava os frades] incomodava frequentemente. Como queira que aquela mulher se queixasse de tanto desaforo diante do homem de Deus (Domingos), este lhe disse em tom suave: “Minha filha, suporta-o com paciência, e com a segurança de quem tão insolentemente te maltrata e persegue a Ordem, bem logo será um dos frades, e durante muito tempo sofrerá na mesma Ordem um sem-fim de punições”. E sua palavra se cumpriu, pois se pôde comprovar que aconteceu quando havia predito.¹⁹

A fé de Domingos, ao mesmo tempo, buscou entender. E, neste anelo de procurar a Verdade, pode-se entender a sua paixão pelo estudo e seu espírito crítico. Nele, fé e razão se harmonizam. O poder que obtém pela sabedoria e a disciplina acadêmica estava voltado, não para o prestígio pessoal, mas para a causa da justiça e da verdade. É por isso que, com sua intuição de futuro, dispersa seus frades para estudar, sabendo que o grão amontoado apodrece (Jo 12,24).

A verdade dominicana é o contrario do engano ou da falsidade. Pode-se acreditar que a palavra de Domingos foi firme, em concordância com as ações libertadoras de Deus, que é a mesma Verdade. Nesta perspectiva, ela é sinônimo da justiça de Deus (Sl 25,10). Ele é, simplesmente, um consagrado à Verdade (Jo 17,17), e a pregoa publicamente, sem temor às conseqüências (Sl 40,10):

Ele se entregou a uma contínua e incansável pregação, anunciando a palavra de Deus, sobretudo contra os hereges. Com grandeza de alma, naqueles dias, sofreu deles injúrias e caçadas, recebeu ameaças e enfrentou ciladas! Zombavam dele de todas as maneiras, lançaram sobre ele lama e outra sujeira, pondo-lhe palha pendurada nas costas para rirem dele. Mas ele suportava tudo isto como o Apóstolo, sentindo-se feliz por ter sido julgado digno de sofrer injurias pelo nome de Jesus (At 5,41). E não somente isso: os hereges também conspiravam contra sua vida e preparavam planos de morte, para se verem livres dele [...]²⁰

A Verdade tem como referência a Palavra de Jesus: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14,6), que se apresenta como uma ponte para chegar a Deus. Ela é a virtude que capacita para conhecer e se tornar livre (Jo 8,32). Jesus é o parâmetro de veracidade. Em Domingos, esta veracidade se manifesta nos sinais do Reino que deixa nas suas pegadas:

O Mestre Reinaldo procurou frei Domingos, a quem abriu seu coração. Cativado por sua santidade e por seu trato, da mesma forma que por suas animadoras palavras, decidiu entrar na Ordem... Porém, a adversidade começou muito cedo a colocar à prova os desejos do mestre Reinaldo. Caiu gravemente enfermo, debilitava-se rapidamente, a morte o rondava e os médicos já sentiam não poder fazer nada. São Domingos não se conformava com a perda daquele homem. Entregou-se à oração. Seu coração implorava a misericórdia de Deus para que não morresse antes de nascer aquele filho concebido na esperança. Também pedia, tal como disse depois aos frades, que Deus o concedesse, embora fosse tão-só por pouco tempo [após visões com a Virgem e ao dia seguinte...] Domingos foi vê-lo para saber como se encontrava. “Estou são”, disse.²¹

O interesse de Domingos na cura de Reinaldo não era um assunto que girasse em torno de si. Seu propósito ia mais longe: Reinaldo era um homem chave para a obra de Deus que iniciava. A procura de Domingos, pois, tinha a ver com o Evangelho que, desvendando a mentira, é a manifestação da própria verdade (Jo 14,17; Gl 5,7).

3. Encarnação

A graça, ao estilo dominicano, tem em conta, sempre, a encarnação. Vejamos a bela harmonia desta espiritualidade. A frase primeira: *No começo era o Verbo* (Jo 1,1) tem seu complemento na mesma passagem, v.14: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Este Verbo (Jo 1,1), feito carne, tornou-se, pedagogicamente, no lugar de encontro entre Deus e a humanidade. O Deus invisível tornou-se acessível à nossa condição limitada. Ele, igual à nossa *basar*, “carne”, foi estabelecido filho de Deus segundo o espírito de santidade (Rm 1,3) abrindo-nos o caminho ao qual estamos convidados. A primeira Carta de João também nos ilumina:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida – Porque a vida manifestou-se: nós a vimos e dela vos damos testemunho e vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu – o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo (1,1-3).

A ausência de conteúdos trágicos, condenatórios e moralistas na pregação de Domingos se entende pelo fato de que a Graça de Deus é maior que as limitações humanas (Rm 5,20). Ele, com sua fala, alivia o coração dos destinatários. São palavras libertadoras, lembram que Deus não esqueceu a humanidade. Domingos fala, e sua palavra cura, seduz e encaminha para o Bem maior:

Naquela mesma noite, o bem-aventurado Domingos ficou falando com o hospedeiro, que era herege. A conversão, cheia de clareza e de graça divina, fez que aquele se convertesse. Não pôde haver resistência à sabedoria e espírito com que falava São Domingos.²²

Esta pregação da graça está inserida na realidade. Domingos ora com o cotidiano, e na contemplação do caminho se gera sua pregação. Nesta dinâmica, podem ser entendidas as palavras que dirige aos doentes, aos aflitos, aos pobres, aos necessitados, e a tantas mulheres sofridas. Eis o grande mistério da piedade inserida na humanidade, com o fim de transfigurar toda criatura no

Único amor.

Na sua intenção de pregar a graça encarnada, acontecendo na humanidade, Domingos, se auxilia das mulheres. Se no seu começo, como falamos, elas (mãe e madrinha) confiaram em Domingos como projeto de Deus, agora Domingos confia nas mulheres, para que a obra deste Deus aconteça no mundo. Além da sua fervorosa devoção por Nossa Senhora e por Maria Madalena, funda um mosteiro feminino em Prouille, antes de fundar a Ordem dos frades.

Num primeiro momento, o espaço conventual estava formado por mulheres convertidas, provenientes dos Albigenses. Domingos tornou-se seu pai, guia espiritual e legislador. Este convento foi o espaço para manter acesa o chama da oração, recrutar pregadores e recolher fundos para o apostolado.²³ Lamentavelmente, não foram conservadas ou divulgadas as suficientes informações do cotidiano entre Domingos e elas. Carecemos de memórias históricas que revelem os ensinamentos do Fundador para estas amigas espirituais.

Será que a integração das mulheres nesta empresa apostólica não lembra a própria vida de Jesus, quem inaugura na história uma nova masculinidade? No tempo do Jesus histórico um mestre não podia ter discípulas, mas Jesus rompe as normas da época ensinando-lhes as Sagradas Escrituras, ainda quando se pensava que elas não tinham capacidade para compreender os mistérios sagrados (Lc 10,38-42).

Jesus forma a mulher para ser discípula. Neste aspecto, a iniciativa de Domingos não lembra também a prática apostólica de Paulo quando, querendo abrir espaço de participação missionária às mulheres diz: *Não há homem nem mulher porque todos são um em Cristo* (Gl 3,28)? Sem dúvida, Domingos, teve a fina percepção da que supunha contar com a fidelidade feminina quando em assuntos de Deus se trata.

Em resumo:

A pregação da graça é o meio eficaz pela qual Domingo anuncia o evento da salvação. Trata-se do *kérigma* “anúncio”, fundamentado na experiência pascal. Esta pregação leva e atualiza a mensagem de Jesus Cristo, revelação do mistério, envolvido em silêncio desde toda a eternidade (Rm 16,25). Em Domingos, este anúncio procura levar o ser humano ao conhecimento da Verdade, que é o próprio conhecimento de Deus, na esperança da salvação prometida (Tt1,3).

Sendo um homem contemplativo e de oração, a pregação de Domingos nasce do silêncio, onde o Espírito se revela. Nesta atmosfera se entende a força da sua palavra. Seu anúncio se traduz em obras concretas marcadas pela misericórdia, a verdade e a encarnação.

Esta herança espiritual foi confiada a homens e mulheres, e se estendeu pelo mundo. Desde então muitos frades têm seguido a Cristo pobre nas pegadas

de Domingos, atualizando sua palavra, com senso crítico, nos sinais de nosso tempo. E quero ressaltar, especialmente, o que tenho visto, experimentado e ouvido: que as mulheres têm sido muito eficazes no carisma dominicano.

Elas, ora enclausuradas, ora como leigas, ou em comunidades religiosas, inseridas, contemplando na atividade apostólica, no meio do barulho, são pregadoras da graça. Nas periferias, nos colégios, nos hospitais, nas favelas, nos campos, nos assentamentos de imigrantes, nos lugares mais afastados da civilização, às vezes despercebidas, outras como “formigas com microfone”, estão presentes como apóstolas da Palavra. Lembro-me da minha pequena comunidade num bairro de Manágua, na semana do serviço na cozinha, estudava a Bíblia, com uma mão sujeitando o livro e com a outra mexendo na panela. Sem ser o jeito apropriado, não tem como se produzir uma teologia, com sabor dominicano, desvinculada da cotidianidade.

Este trabalho me deixou curiosa para continuar pesquisando sobre Domingos e sua relação com as mulheres nas origens da família dominicana. Mesmo sendo, Domingos, o centro deste trabalho, não tinha como deixar oculto o papel delas na sua vida e no seu projeto apostólico. Ainda seria mais proveitoso, dedicar um estudo especificamente a esta temática. Fecho as linhas plasmando o que diz o único coração que levo comigo:

Simplesmente...

Domingos,
silêncio na palavra,
palavra no silêncio...
Fogo em corações mornos,
estrela bússola dos extraviados.
Domingos,
caminho e estância,
homem e cachorro,
sabedoria e inteligência,
mestre da humildade.
Escuta e pregação.
Apóstolo pobre,
doutor da verdade.
Doçura na presença,
casto no viver,
amigo das mulheres,
preferivelmente, jovens.
Bela harmonia afetiva!
Vulcão dinâmico de fé e razão,
Domingos, contemplativo,
congrega-nos no Cristo pobre de Nazaré.

(Endnotes)

- 1 G. Gerleman, *dabar*, “Palabra”, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, vol.1, Madrid, Cristiandad, 1978, p.620.
- 2 Carlo Rusconi, *Dicionário do grego do Novo Testamento*, São Paulo, Paulus, 2005, p.288.
- 3 Beato Humberto de Romans, *Textos das Fontes – Narração sobre São Domingos*, [Subsidios de Formação Dominicana, p.5.
- 4 Fr. Maximiliano Rebollo, em [www. Dominicos. org. santo domingo/ iconografia/ dominicana](http://www.dominicos.org.santo.domingo/iconografia/dominicana)
- 5 Deponimento de Frei Amizio de Milão, em *Textos das fontes – O processo de canonização de São Domingos*, [Subsidios de Formação Dominicana], p.8.
- 6 Deponimento de Frei Ventura de Verona, o.c., p.5.
- 7 Deponimento de Frei João de Navarra, o.c., p.10.
- 8 Beato Humberto de Romans, o.c., p.6.
- 9 Trad. Atas do Processo de canonização de São Domingos, Bologna, MOPHXVI, 29.
- 10 Beato Humberto de Romans, o.c., p.9-12.
- 11 (St. II – II, q.188, a.6,c.).
- 12 Beato Humberto de Romans, o.c., p.18.
- 13 Frei Constantino de Orviedo, *Vida e milagres de São Domingos*, *Textos das fontes*, [Subsidios de Formação Dominicana], p.7.8.
- 14 W. A. Hinnebusch, *Breve história da Ordem de Pregadores*, Porto, Secretariado da Família Dominicana, 1985, p.25.26.
- 15 Beato Humberto de Romans, o.c., p.7.8.
- 16 H. J. Stoebe, *rh̄m* “misericorida”, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, vol.2, p.958.
- 17 H. J. Stoebe, *nh̄m* “consolar”, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, vol.2, 90-93.
- 18 Frei Constantino de Orviedo, o.c., p.11.
- 19 Beato Humberto de Romans, o.c., p.30.
- 20 Beato Humberto de Romans, o.c., p.10.
- 21 Beato Humberto de Romans, o.c., p.20.
- 22 Beato Humberto de Romans, o.c., p.9.
- 23 W. A. Hinnebusch, o.c., p.18.